



JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, novembro de 2002 - Ano 16 - nº 75

**Nasce uma nova
estrela: AEE Oeste
Paraense - Página 4**

**O velho
do rio**

Página 3

O QUE É O ESPERANTO

Página 8

Coral da Embrapa Soja
Página 5

Capacitação contínua de pesquisadores - Página 6

Editorial

(Pág. 2)

AEEs em destaque
Picasso não Pichava (Pág. 4)

"Seu Zé"
(Pág. 6)

**Cantinho da Poesia e da
Música** (Pág. 7)



**Nossa
gente**

*Nossa gente deste mês
destaca o colega Celso
Edson do Prado, da
Embrapa Meio Ambiente,
Jaguariúna, SP. Está na
Empresa há 13 anos.*

(Pág. 5)

*"A Embrapa, para mim,
representa minha família,
representa tudo, vivo
dela e para ela".*



Editorial

Consumado o Projeto II Embrapa Brasil, que movimentou a FAEE intensamente nos últimos meses, agora chegou a hora de encarar os novos desafios que se encontram na agenda da Federação para o corrente ano.

Iniciamos o processo de negociação do seguro de vida em grupo para 2003, que certamente terá alguma reformulação na taxa praticada, em função das naturais alterações ocorridas na massa segurada.

A administração financeira dos recursos do PAM, pela FAEE, também será redimensionada, em decorrência das alterações implementadas pelo governo federal nas contas de arrecadação das empresas públicas.

Acontecimento importante foi o surgimento de uma nova AEE, que integrará o nosso colegiado

de associações. Temos agora a AEE Oeste Paraense, que se constitui em uma conquista dos nossos colegas de trabalho do Núcleo do Médio Amazonas, vinculado à Embrapa Amazônia Oriental.

Finalmente, como acontecimento abrangente para o povo brasileiro, temos a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para Presidente do Brasil. Auguramos sucesso ao presidente Lula nessa árdua e difícil missão e, como acontece com milhões de brasileiros, aguardamos ansiosamente o cumprimento das propaladas mudanças de cunho social tão necessárias, diante da flagrante desigualdade existente entre a população de nosso país. Neste passo, também ressaltamos as expectativas dos empregados da Embrapa, no tocante à valorização da ciência e tecnologia em forma de liberação de recursos financeiros para sua

consecução. Aguardamos, igualmente, a reposição do poder aquisitivo dos nossos salários no âmbito de perda para inflação, sempre defendida arduamente e com propriedade pelo nosso sindicato.

Novos horizontes se descortinam com sinalização de novos tempos, principalmente para os nossos irmãos brasileiros que compõem a imensa legião de excluídos sociais. O presidente Lula mostra-se imbuído e com os melhores propósitos nesse particular. É dever de todos brasileiros no mínimo vibrar intensamente para que o novo presidente consiga mudar a situação econômica e social do Brasil, para que as palavras fome e miséria sejam apenas o registro de um passado de triste e vergonhosa memória deste país.

Ismael Ferreira Graciano
Presidente da FAEE

Umas & Outras

Embora o IBGE aponte uma expectativa média de vida de 69 anos para os brasileiros, o período vivido com qualidade de vida, com boa saúde, é em média de apenas 56,7 anos, conforme divulga a OMS (Organização Mundial de Saúde). Diante desse quadro, você acha que vale a pena continuar adiando seus projetos de vida, inclusive sua aposentadoria?

É impossível para um homem aprender aquilo que ele acha que já sabe.
(Epíteto)

Conheça o livro "Cruz Gamada", de autoria do nosso colega Sílvio Leopoldo, da Embrapa Amazônia Oriental, visitando o site www.cruzgamada.com

Expediente

FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Diretoria

Presidente: Ismael Ferreira Graciano

Vice-Presidente: Maria do Rosário de Moraes

Diretores: Emídio Casagrande, Nicola Radica e Alba Mary da Silva

Conselho Fiscal

Titulares: Edgard de M. Sarmiento Neto (AEE/Sergipe), Ana Adelaide Barcelos (AEE/Bagé) e Wilson Sant'Anna de Araújo (AEE/SNLCS)

Suplentes: Jânio Barbosa Moreira (AEE/CNPA) e Joffre Kouri (AEE/Amapá) e Edinaldo Santos (AEE/Amazonas)

Presidentes AEEs:

AEE/DF - Manoel Pessoa Filho

AEE/CNPH - Márcia Regina Parente

AEE/CPAC - José da Rocha Ribeiro

AEE/CENARGEN - Nilson Alves Carrijo

AEE/GO-CNPAF - Abidon Teodorico dos Santos

AEE/CNPGC - Paulino Gauna Gomes

AEE/CPAP - Miguel Ageu de Faria Gonçalves

AEE/Dourados - João Ronaldo Novachinski

AEE/CNPAB - Roberto Silva de Oliveira

AEPARJ - Sérgio Trabali Camargo Filho

AEE/RC - Marlene Aparecida da Silva

AEE/GL - Cláudio Nápolis Costa

AEE/CNPMS - Anízio Ferreira Gomes

AEE/CTAA - David Regis de Oliveira

AEE/São Carlos - César Antônio Cordeiro

AEE/SM - Maurício Gomes de Souza

AEE/SNLCS - Wilson Sant'Anna de Araújo

AEE/CNPTIA - Suzilei F. de A. G. Carneiro

AEE/CNPMF - Perinto Luiz Pimentel Calafange

AEE/CNPA - Wilton Guedes Magalhães

AEE/Parnaíba - Maria Alice V. V. de Albuquerque

AEE/CNPC - Edilson Mendes de Almeida

AEE/Cajú - Vanderléia Bezerra de Oliveira

AEE/Sergipe - José Ailton dos Santos

AESA - Paulo César Farias Gomes

AEE/RN - Emídio Costa de Araújo

AEE/Teresina - José Gomes da Silva

AEE/Acre - Francisco Roberto Vieira Sampaio

AEE/RR - Haron Abraham Magalhães Xaud

AEE/CPAF-RO - Rogério Sebastião C. da Costa

AEE/Amapá - Claudeci Fernandes Trindade

AEE/Amazonas - Rosângela dos Reis Guimarães

AEE/Pará - Isanira Coutinho Vaz Pereira

AEE/BG - Glaucia Maria Savoldi Moy

AEE/Florestal - Yeda Maria Malheiros de Oliveira

AEE/Pelotas - Flávio Gilberto Herter

AEE/Bagé - Ana Adelaide Jardim Barcelos

AEE/CNPSA - Nádia Solange Schmidt

AEE/CNPSO - Rubens José Campo

AEE/PF - Raul Alves dos Santos

AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa -

José Carlos Monken Menon

FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Sede: Edifício FAEE - SHCG/Norte 714/715 Bloco "B"

Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF

CEP: 70760-780

Fone: (0xx61) 347-3590

Fax: (0xx61) 273-7150

E-mail: faee@solar.com.br

Homepage: www.faae.org.br

Jornalista Responsável: Lineu Marcos Gobeth

MTb 376/PB - E-mail: lineu@sede.embrapa.br

Fotos: AEEs e FAEE

Jornal da Federação é uma publicação da FAEE.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo.

Composição e Revisão: Nicola Radica

Diagramação e Montagem: Hilton Pereira Sant'Ana

Fotolito e Impressão: Plano Piloto Serviços Editoriais

Tiragem: 12 mil exemplares

O velho do rio

Ele chegou de mansinho, com dois burros carregados. Vinha a pé, puxando os animais. Estava cansado e quase implorando ajuda. Refletia tristeza no olhar e convivência com as lágrimas. Parecia tangido pela dor. Reverentemente pediu comida e pousada ao meu pai.

No dia seguinte, renovou o pedido e, no terceiro dia, pediu para ficar. Meu pai simplesmente concordou. Não perguntou seu nome, seu passado e de onde vinha. Apenas confiou. Assim, como agem as pessoas simples e puras do interior, para as quais todos merecem confiança. Era um irmão que lhe pedia ajuda naquelas paragens inóspitas, e isso bastava para ele abrir as portas da casa e do coração também.

O "velho do rio" foi personagem marcante naquele cantinho, no Vale do Rio São Lourenço, lugar em que começa o Pantanal-Mato-Grossense, onde a alegria é imanente no tempo e nas coisas, a completar as demais condições de felicidade que se refletem da eterna magia da natureza.

Na bagagem, tinha poucos objetos de uso pessoal. Dispunha de várias roupas surradas e alguns pares de botas, mas trazia uma enorme quantidade de livros que chegaram

cuidadosamente acondicionados em bolsas de pano, conduzidas em quatro bruacas de couro cru.

Tinha presumivelmente 60 anos, segundo estimava minha mãe. Era de fino trato e esmerada educação. Com sabedoria, se moldou à cultura e ao nível intelectual de meus pais, nascendo daí mútuo respeito e distinguida consideração, que se manifestava nos detalhes de cada momento e que davam sustentação a tamanha amizade que raramente se vê.

Refeito da longa caminhada, construiu um rancho na curva do rio, no seio da mata, pouco abaixo de nossa casa, que lhe serviu de morada até o fim. Deliberou ajudar meu pai na lida do campo. Antes do Sol nascer, já estava de pé, acendia o fogo de lenha e punha água a ferver para que minha mãe preparasse o café matinal.

Enquanto meu pai ordenava os instrumentos de trabalho na roça, ele tratava dos porcos e das aves destinadas a nossa subsistência. Com sua chegada, as enormes barricas d'água permaneciam constantemente abastecidas na cozinha e a lenha sempre em disponibilidade. Jamais cortou o cabelo ou a barba encanecida, embora tivesse notório cuidado com a higiene pessoal, especialmente com as unhas, sempre limpas e

aparadas.

Por insistência de minha mãe, revelou seu nome, ou melhor: apenas o prenome, mas pediu que o chamassem de "velho do rio" ou só de "irmão". Prevaleceu a segunda opção para meus pais, cuja expressão foi vivenciada em toda a sua força e abrangência. E assim foi durante alguns anos de inesquecível convivência. O nome "velho do rio" popularizou-se na região, entre os pantaneiros carentes e místicos, que buscavam incessantemente sua orientação para as questões ordinárias da vida, particularmente o reconforto para os males do corpo e da alma.

Às tardes, ele se refugiava nos livros, preferentemente na Bíblia, com a qual mostrava grande intimidade. Tinha o hábito da meditação e da oração fervorosa. Com extrema habilidade, passou a envolver-me nesse processo com apenas 7 anos de idade. Ensinou-me a ler e a calcular as quatro operações fundamentais de aritmética, em tempo recorde. Vivia o transcendental. Dizia que a existência do espírito não tem fim, e que sempre estaríamos em plena eternidade, no corpo físico ou fora dele, alternadamente, a caminho da perfeição infinita. Dizia ainda, entre outras máximas, que na vida, quem não souber fazer os outros felizes não alcançará

a própria felicidade.

Um dia, ele foi embora, apesar de relutar muito para não partir. Após exaustiva e longa procura, os filhos o localizaram nas entranhas daquele sertão e foram buscá-lo. Surgiu sua identidade. Era de família tradicional e professor conceituado de importante universidade paulista. Largara tudo, até o seu passado, ao sofrer grande desilusão com o abandono da esposa por quem nutria verdadeira adoração. Ela partiu levando os filhos menores, deixando-o só, desestruturado e sem rumo na vida.

Colocou seus pertences no barco, em seguida enlaçou meu pai e minha mãe num longo abraço. Lágrimas rolaram em profusão. Acolheu-me em seu peito carinhosamente, sem preocupar-se com o tempo. Disse-me para aprender a ser grande, porque tudo na vida é muito pequeno diante da capacidade infinita de amar. O barco deslizou nas águas mansas até desaparecer na curva do Rio São Lourenço. Naquele Vale, ficou o mito do "velho do rio", que foi uma realidade muito próxima da minha vida e do meu coração.

Nicola Radica

Diretor da FAEE

e-mail: faee@solar.com.br

AEEs em destaque

Nasce a AEE Oeste Paraense

No último dia 16 de agosto os empregados da Embrapa Amazônia Oriental, Núcleo do Médio Amazonas, criaram a **Associação dos Empregados da Embrapa do Oeste Paraense**, em Assembléia realizada em Belterra, município próximo a

Santarém-PA.

A Assembléia foi conduzida por Nicola Radica, diretor da FAEE, que contou com a companhia de Damásio Coutinho Filho, ex-presidente da AEE/Pará. Essa AEE já nasceu estruturada com sede própria, cujos bens serão

incorporados pela instituição nascente tão logo ocorra a formalização dos registros cartoriais.

A FAEE, representando o colegiado de AEEs, parabeniza aqueles colegas de trabalho, que há muito tempo se ressentiam da

falta de espaço social, cultural e desportivo, ao tempo em que acolhe a caçula do colegiado de AEEs, dispensado todo apoio, inclusive nessa fase inicial.



Componentes da Assembléia que criou a AEE Oeste Paraense.



Sede social existente. No detalhe Reinaldo da Silva Galvão, responsável pela construção.



Gladys Beatriz Martinez, Supervisora do Núcleo do Médio Amazonas. "Apoio incondicional".



Daniel Mangas, o articulador, que viabilizou a decantada AEE Oeste Paraense

Picasso não Pichava

Izael Glaucio Gomes e Ricardo Wagner B. de Castro, representante da AEE/CNPH, receberam a 6ª colocação no concurso **GRAFITE DA CAPITAL DA ESPERANÇA**, ocorrido dentro do Programa

Picasso não Pichava. Foi realizado nos dias 27 e 28 de julho último nos tapumes ao redor do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, DF, com patrocínio da FAEE.





Celso Edson do Prado: “A Embrapa, para mim, representa minha família, representa tudo, vivo dela e para ela”.

Celso Edson do Prado, 49 anos, operador de máquinas e veículos, lotado na Embrapa Meio Ambiente, em Jaguariúna-SP, é o



homenageado do mês. Foi admitido em 1989, embora já prestasse serviço à Embrapa anteriormente por intermédio de uma empresa locadora de mão-de-obra. É casado com Luiza Rodrigues do Prado, tem três filhos, sendo duas moças: Lúcia Helena do Prado, com 23 anos, Luciana Aparecida do Prado, com 20 anos e Bruno Renato do Prado,

o rapa do tacho, com 09 anos.

“Sou filho da roça. Nasci em Ribeirão Preto, SP, em fazenda, e comecei a trabalhar cedo, na vida. Com 9 anos, já lidava com gado, tirava leite. Aos 15 anos, vim para a região de Campinas, SP, e continuei na mesma luta como meeiro, estudei muito pouco”, informa inicialmente. Ao completar 18 anos, foi para a cidade trabalhar numa metalúrgica, mas logo que se casou, voltou para a fazenda, que atualmente é de propriedade da Embrapa, e ficou. Com relação à família, é incisivo: “a família está em primeiro lugar para mim. A gente se dá muito bem, todos me apóiam e eu apoio todos em casa. Nós vivemos em paz”, enfatiza. A preocupação está na falta de emprego para os filhos e pelo fato de não ver perspectiva de melhoras a curto prazo. No tocante aos serviços públicos de um modo geral, particularmente saúde, educação e segurança, tem conceito próprio: “Embora a gente não tenha maiores problemas em Jaguariúna, por ser uma cidade pequena e pacata, no resto do Brasil,

a exemplo de Campinas, a coisa está feia”, acentua. O sonho da faculdade para os filhos continuarem os estudos está presente. “Gostaria que meus filhos pudessem continuar os estudos. O pobre não consegue pagar uma faculdade hoje em dia. A interrupção dos estudos é uma frustração para gente e para eles”, lamenta. As horas de lazer eram divididas entre o futebol e a pescaria. Atualmente, o futebol está quase excluído, embora tenha jogado em Salvador, por ocasião do Il Embrapa Brasil. “De vez em quando bato uma bola, mas não tenho o mesmo pique, e não adianta forçar. Meu negócio agora é pescaria”, esclarece. O time do coração é o Santos Futebol Clube, que há 15 anos não ganha títulos, mas que neste ano vai ser o máximo, segundo afirma. Com relação a Embrapa, tem um entendimento próprio. “Aqui na Embrapa, eu gosto de todo mundo e acho que o pessoal não tem o que se queixar de mim. Quanto às dificuldades financeiras que a Empresa atravessa, deixa a gente meio cismado, meio com medo, mas eu não temo

pelo seu futuro. Estando todo mundo trabalhando, não tem por que temer, mas a situação poderia melhorar um pouco mais”, posiciona-se. Perguntado sobre o significado da Empresa em sua vida, respondeu sem



titubear: “A Embrapa, para mim, representa minha família, representa tudo, vivo dela e para ela”, arremata esse colega que é distinguido em seu meio pelas suas reconhecidas qualidades como empregado e como cidadão.

Coral da Embrapa Soja

O Coral da Embrapa Soja, de Londrina, PR, participou com brilhantismo do Encorama – XV Encontro Nacional de Corais em Macéio, AI, no período de 18 a 21 de setembro último. Merece

destaque a determinação dos componentes que viajaram 4 dias de ônibus por amor à causa e ao nome da Embrapa, que foi muito bem representada naquele evento.



Capacitação contínua de pesquisadores

A pesquisa agropecuária brasileira tem contribuído de modo considerável para o desenvolvimento da agricultura nacional. É incontestável o retorno que ela tem propiciado aos investimentos que nela têm sido aplicados. Entretanto, também deve ser reconhecido que muitas pesquisas não têm produzido resultados úteis, ou não têm derivado as informações que potencialmente poderiam produzir.

Esta ineficácia tem diversas origens, mas, em geral, decorre de falhas dos programas de pesquisa e, principalmente, das ações específicas de pesquisas. Uma origem dessas falhas é, muitas vezes, a falta de recursos logísticos. Entretanto, deve-se reconhecer que elas também decorrem da precária ou incompleta formação de muitos pesquisadores e de falhas nas equipes de pesquisa.

A Embrapa, desde sua implantação, principalmente, em sua fase inicial, desenvolveu um intenso programa de capacitação especializada de seu quadro de pesquisadores. O programa de pós-graduação propiciou o treinamento avançado de muitos pesquisadores, em áreas específicas. Entretanto, a formação acadêmica formal

estrita-se na medida da elevação do nível de treinamento. Paradoxalmente, a elevação do nível de treinamento não contribui, necessariamente, para a melhor formação do pesquisador. Raros programas de pós-graduação contemplam disciplinas relacionadas com a metodologia da pesquisa científica.

Além do conhecimento de sua área específica, o pesquisador precisa ter o adequado domínio dos métodos, técnicas e procedimentos inerentes à pesquisa científica, indispensáveis para o desenvolvimento eficaz das pesquisas em sua área. Entre esses inclui-se o método estatístico, parte integrante do método científico. Em uma instituição de pesquisa, esse domínio de conhecimento deve ser complementado e completado, cooperativamente e solidariamente, através das atividades multidisciplinares e interdisciplinares de equipes completas, integradas por profissionais das diversas disciplinas.

Uma instituição de pesquisa, preocupada com sua produtividade, não pode esperar que seus pesquisadores desenvolvam o conhecimento dos fundamentos da metodologia de pesquisa científica, particularmente do método estatístico, através de

iniciativa individual, ao longo da atividade profissional. Mesmo porque tal iniciativa é altamente dependente da vocação individual.

A Embrapa, de modo geral, parece encontrar-se em uma fase crucial, após 29 anos de sua criação, em que os recursos que lhe são disponíveis se tornam cada vez mais escassos. Nessas circunstâncias, parece óbvia a necessidade de uma nova tomada de rumos e definições que tendam a implementar condições para a execução de pesquisas mais eficazes, que possam lograr mais impacto pelo provimento de tecnologias que possam elevar a rentabilidade da agricultura brasileira.

Pela experiência anterior, esse salto de qualidade teria de partir de investimento em um programa de capacitação de pesquisadores, apropriado para as circunstâncias atuais. Esse programa deveria ser direcionado para complementar a formação dos pesquisadores, obtida em cursos de pós-graduação, através da capacitação em disciplinas não contempladas adequadamente nesses cursos, principalmente em disciplinas relacionadas com o método científico e os métodos quantitativos, particularmente com a estatística.

Deve-se abordar e discutir os aspectos relevantes referentes aos fundamentos da pesquisa científica, às características da pesquisa agropecuária, aos atuais problemas e entraves importantes da pesquisa agropecuária, bem como à suas oportunidades, à relevância dos métodos estatísticos e dos métodos quantitativos na pesquisa agropecuária, ao conhecimento de estatística necessário em uma instituição de pesquisa e às características de um programa de capacitação de profissionais visando à formação de pesquisadores. Devem ser sugeridas diretrizes para o estabelecimento desse programa, que deve ser dirigido, em especial para os novos pesquisadores, recém incorporados à instituição, e também como reciclagem aos pesquisadores mais antigos.

Esse programa de treinamento deve ser contínuo, como feito anteriormente, e deve ter o objetivo de se fazer ciência em função de desenvolver tecnologias que venham a se tornar competitivas no âmbito do negócio agrícola, nas suas transações comerciais.

Enedino Corrêa da Silva

Eng. Agrônomo,
pesquisador aposentado da
Embrapa e professor universitário
e-mail: belgair@uol.com.br

“Seu Zé”

Ouvi essa história na fila da seção eleitoral, na eleição do primeiro turno. Lá onde eu voto, sempre encontro antigos colegas da Embrapa e a prosa amenizou um pouco a espera. De repente passa o “seu Zé”, operário rural da Embrapa Cerrados, para exercer o seu direito de idoso e furar a fila. O Sérgio Aboud, da mesma Unidade, já foi logo dizendo: “Será que seu Zé vai demorar a amansar a urna?”. Papo vai, papo vem, e o Sérgio nos conta sobre a primeira

viagem a serviço com o seu Zé.

Cabra bom no que faz, mas com aquele “jeitão” bem rústico de quem nasceu nas brenhas do Goiás, logo o Sérgio armou com ele. Vendo que ele não sabia colocar o cinto de segurança, foi “ajudá-lo” na tarefa. Só que deu uma volta com o cinto no pescoço do seu Zé, recomendando que não poderia tirá-lo para não ser multado. Algum tempo depois, seu Zé não aguentou mais:

- Ó Sérgio, de quanto é a multa?

- Uns cinquenta reais

- Eu pago a multa pois num tô quentando esse trem me afogando!

No hotel, os dois dividiram o apartamento. Enquanto o Sérgio telefonava, seu Zé foi tomar banho. O Sérgio ficou intrigado com os gritos que vinham do banheiro e só depois entendeu. A água estava muito quente e seu Zé passava debaixo do chuveiro correndo e dando aqueles gritinhos, para driblar a quentura. Pela manhã, com aquela mesa repleta de coisas, seu Zé tomou só um cafezinho. Já no

carro, o Sérgio perguntou:

- Seu Zé, o senhor não quis tomar café?

Ué, Sérgio! Com essa diária que a gente ganha, se eu comesse aqueles trem tudo não ia sobrar dinheiro para o almoço e pra janta!

Colaboração:

Edvalson Bezerra Silva (Mocoin)
Área de Comunicação Empresarial
Embrapa Recursos Genéticos e
Biotecnologia
e-mail: mocoin@cenargen.embrapa.br

Cantinho da Poesia e da Música

Saber-me

Que mais me queres "saber"?
Deves, apenas, me sentir
Acesa, enroscada,
separada de mim mesma ...

Coesa
em teus braços, nos abraços
penetrantes,
penetrados, inflamados
gritantes e gritados

Num grito mudo, calado
desencontrado
encontrado na chama
que clama, viva
inesgotável, inflamável

Amada, amante
suplicante
por ti – pelo transporte
que me faz fraca
e débil e forte
quando naufrago na "barca"
com que me feres, de leve,
bem de leve no princípio,
para depois, quase brutal
cravar-me, do teu corpo, o
punhal
que me transforma num animal
por um momento,
quando sou – e apenas sou –
e, apenas como sou – ME DOU

Nísia Luciano Leão
Embrapa Algodão
Campina Grande, PB

Asas dos sonhos

No mundo de meus sonhos, é plena a vida.
Lá, sou teu e és minha, como a água e o mar,
sem que dolo ou temor nos restrinja ou iniba.
Tudo é belo, é carícia, é um eterno bailar.

Bendita madrugada, que a Morfeu nos entrega
e no país das delícias nos faz mergulhar.
Que importa se é sonho, ilusão ou quimera?
Deixo a magia dos sonhos minha vida guiar.

Descobri que o sono é a saúde do corpo.
Ao dormirmos, a força nos vem renovar,
pois sonhando contigo acordo mais moço,
para mais uma vez tentar te conquistar.

Samuel Silva da Mata
Embrapa Tabuleiros Costeiros
Aracaju, SE

A valsa e o vento

A música embala as flores
num ritmo suave e lento.
O sol espiando na janela
e eu valsando o vento.

Um bem-te-vi canta na murada,
rouba de mim o pensamento.
As flores se espalham na calçada
e eu valsando o vento.

Um sorriso vindo da memória
busca a saudade no esquecimento.
Tua imagem em meu olhar agora
e eu valsando o vento.

Quem sabe o alicerce da esperança
surja como um doce alento.
No coração o pulsar cadenciado
e eu valsando o vento.
Ousássemos quebrar esse silêncio
ainda que fosse por um só momento.
O sonho se faria realidade
eu e você...a valsa e o vento!

Rachel Gueller Souza
Embrapa Florestas
Curitiba, PR

Amiúde

Agora que você não é mais presente,
não tenho feito coisa alguma senão pensar em ti. Permaneço inerte,
sem futuro, o passado é só neblina.
Choro, todo dia, toda noite, tua falta.

Quando a lua vem me fazer companhia e o céu escarlate me conduz
a devaneios loucos, paro no tempo, fico estático a reparar o mundo
triste e vazio que você me deixou.

Razão maior era sua companhia: sem você não tem amanhã, viver é
ilusão. Já faz bastante tempo que não estou sóbrio, os bares, os amigos
de farra, tudo é amiúde.

É tamanha tua ausência que meu ser é só farrapo.
Sou um grito calado, sinto-me loquaz quando você é o assunto.

Não sei viver sem você.

Mas, se você quiser voltar, que festa!

Valdomiro Farias
Embrapa Arroz e Feijão
Goiânia, GO

O QUE É O ESPERANTO

O Esperanto é uma língua internacional falada por milhões de pessoas em todos os continentes do mundo. Sua primeira gramática foi publicada na Polônia, em 1887, pelo Dr. Lázaro Luiz Zamenhof.

Existem no mundo cerca de 3.000 línguas e inúmeros dialetos. Qualquer pessoa, medianamente culta, sabe que essa colossal diversidade lingüística cria grandes obstáculos para a comunicação dos povos. Ora, o progresso das ciências, o desenvolvimento da tecnologia, a necessidade de democratização dos meios de comunicação tornam urgente a adoção de uma língua internacional acessível a todos.

Então, alguns perguntariam por que não adotar uma língua nacional já existente? Porque as línguas nacionais têm muitas exceções e irregularidades gramaticais, exigindo longos e penosos anos de estudo. Na prática, uma coisa é conhecer uma língua para simples leitura e outra é dominá-la para uma palestra ou conversação diária. Deve-se eleger uma língua fácil para todos, que possa ser aprendida sem grande perda de tempo.

Devido à grande influência econômica dos Estados Unidos, o inglês goza hoje de grande prestígio nos países ocidentais. Mas em outras regiões é diferente: a língua mais falada do mundo é o chinês; no leste europeu, usa-se o russo; o árabe é utilizado no norte da África e o espanhol é falado em quase toda a América. Ora, para que uma língua seja internacional, não basta dar-lhe esse nome.

Além disso, o povo que tivesse sua língua escolhida como internacional seria privilegiado,

enquanto que outros seriam constringidos a falar num idioma estrangeiro, sujeitando-se, muitas vezes, ao silêncio com medo de cometerem algum erro.

O Esperanto é a única língua que reúne todas as qualidades necessárias para desempenhar o papel internacional, pois foi criado especialmente para isso. Não é seu objetivo substituir as línguas nacionais, mas servir de segunda língua comum a todos os povos, para tratar dos problemas mundiais e para contatos pessoais. Sendo assim, o Esperanto não representa o imperialismo cultural, econômico ou político de nenhuma nação sobre as outras, mas atua como um fator de preservação da cultura e da soberania dos povos.

VANTAGENS DO ESPERANTO

As principais vantagens do Esperanto são :

- por não pertencer a nenhum país, o Esperanto não confere a um povo privilégios em detrimento dos outros. O Esperanto é de todos !

- pode ser aprendido em muito menos tempo do que qualquer outro idioma, graças à simplicidade da sua pronúncia (cada letra tem um único som), à concisão da gramática (apenas 16 regras básicas, sem nenhuma exceção), ao vocabulário internacional e ao sistema genial de prefixos e sufixos. O Esperanto é 6 vezes mais fácil de ser aprendido do que qualquer outra língua (conclusão do Instituto J.J. Rousseau, de Genebra/Suíça); é a melhor propedêutica no estudo das outras línguas.

- possui vasta literatura formada não só de obras traduzidas, mas também de obras escritas originalmente em

Esperanto.

- facilita realmente o intercâmbio cultural e intelectual entre os povos do mundo inteiro. Um exemplo notável foi a realização do 87º Congresso Mundial de Esperanto, em agosto deste ano, na cidade de Fortaleza (CE), quando registrou-se a presença de 1484 congressistas, de 58 países, que se comunicaram sem usar fones de ouvido, apesar da diversidade de suas línguas maternas! Um dos eminentes convidados pela organização do evento foi o general Alberto Mendes Cardoso, ministro-chefe da Secretaria da Segurança Institucional da Presidência da República, que surpreendeu a todos, aceitando fazer um pequeno discurso em Esperanto, na sessão solene de instalação do congresso, no Centro de Convenções daquela cidade.

Outras vantagens poderiam ser listadas, como as relacionadas aos aspectos econômicos com o custo dos serviços lingüísticos institucionais. Apesar de ser extremamente difícil avaliar os custos que o multilingüismo impõe à nossa sociedade, ressaltamos que a União Européia emprega em torno de 3.000 tradutores e 700 intérpretes-funcionários, além de 2.500 intérpretes independentes. Em 1989, por exemplo, ela gastou para seus serviços lingüísticos, a soma de 1,4 bilhões de ECUs (como era então chamado o atual Euro), ou seja, cerca de 1,6 bilhões de dólares (Mario von Baratta e Jan Ulrich Clauss, **Internationale Organisationen** - Frankfurt über Main:Fischer, 1991, p. 146). Ainda na União Européia, cada palavra escrita fica em 36 centavos de dólar; mas esse custo dobrou em dez anos.

A Associação Universal de Esperanto, com sede em

Rotterdam/Holanda, para transmitir informações a todas as sociedades que a ela são afiliadas, gasta 0 (zero) dólar, pois o documento é redigido em esperanto e distribuído no mundo inteiro, tal qual.

Por ocasião de uma experiência conduzida por uma instituição croata, o **Medunarodni Centar za Usluge u Kulturi**, constatou-se que os alunos de alemão estudaram essa língua durante três anos (570 horas de curso) para conseguirem fazer na língua de Goethe apresentações contendo a mesma quantidade de informações que as realizadas em esperanto por seus colegas, ao final de um curso de 24 horas.

Professores, educadores, pesquisadores e instâncias culturais proclamam a importância em permitir-se aos jovens descobrirem mutuamente suas culturas e suas mentalidades. Daí o interesse das visitas recíprocas e da correspondência entre crianças ou adolescentes de países diferentes. E a experiência prova que o esperanto reveste-se de muitas vantagens em relação às línguas nacionais para essas e outras atividades.

Na área da tecnologia, acreditamos que a EMBRAPA economizaria muito dinheiro no intercâmbio de seus técnicos, se o mundo já tivesse adotado o esperanto como a segunda língua para a intercomunicação racional de todos os povos.

Dr. Lício de Almeida Castro
Presidente da Liga Brasileira de Esperanto.
(Especial para o Jornal da FAEE)